

A volta do suplemento

GUIDO ARTURO PALOMBA

Com este suplemento retorna aos médicos em dos pilares de sustentação das traves que navegam o arcabouço da formação completa que praticam a arte esculapina: História dos Mestres da Medicina e do Humanismo, suas vidas, suas obras.

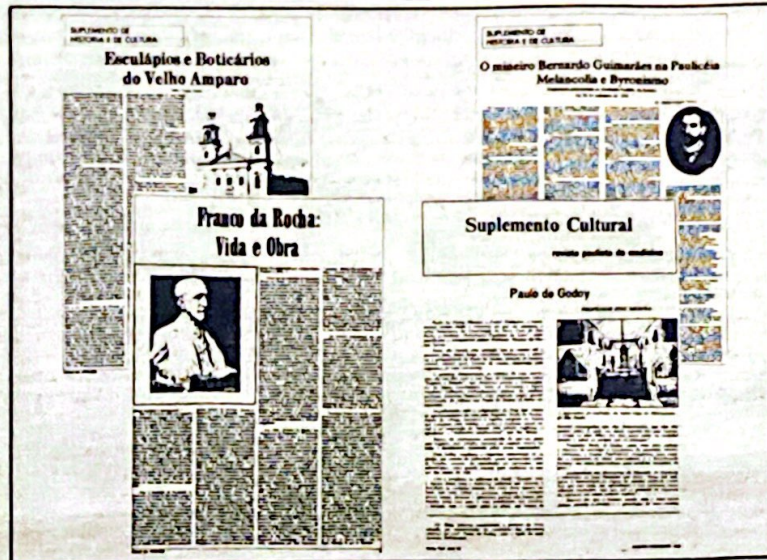
História da Medicina Memória da Medicina, e como toda memória, que para os gregos era a mãe das musas, alberga em seu ser a essência das coisas que podem ser revividas e transmitidas, a perpetuar no tempo o que já existiu e foi grande.

Este suplemento tem suas raízes com mais de vinte anos de profundidade (1967), quando o jornal desta Associação Paulista de Medicina publicava contribuições em forma de artigos, trazendo

palavras de lembrança e glória, ao rememorar vultos da medicina em seus altos desígnios e suas existências louváveis.

Em 1972 esta preciosa Associação Médica passou a editar um suplemento denominado "Medicina e História", que vinha encartado no "Jornal do Médico Paulista", até 1974. Neste ano, o jornal passou a chamar-se "Jornal da Associação Paulista de Medicina", como hoje, e o suplemento — "Suplemento de História e de Cultura" — circulou encartado no jornal até 1980. Deste ano até 1984, em vez de vir anexo ao jornal, veio à revista, com o nome "Suplemento Cultural da Revista da Associação Paulista de Medicina".

De 1984 até 1988



houve solução de continuidade nessas importantes publicações, como se a memória da medicina da entidade tivesse sofrido uma amnésia, felizmente lacunar, uma vez que

agora, com a publicação deste número e das que virão, restabelecer-se-á o fluir normal do importante periódico.

Deve-se isso à sensibilidade, tradição e lha-neza do meritório ho-

mem em plural, Nelson Guimarães Proença, digníssimo médico presidente desta Associação Paulista de Medicina, que não mediu esforços para ver novamente circulando este

consagrado e festejado suplemento.

O número 24, em epígrafe, restitui a continuidade numérica iniciada em 1980, interrompida em 1984. Medicina e História, Suplemento de História e Cultura, Suplemento Cultural da Revista da APM, Suplemento Cultural do Jornal da APM, são nomes diferentes que se igualam nos mesmos princípios e no mesmo ânimo em prol da fixação da etnia médica paulista e brasileira, da sua cidadela e dos seus templos de ciência e cultura, solidados com a argamassa forte de respeito ao passado, nas glórias do presente e dirigido ao futuro.

Em meio ao labor e fecundidade de uma geração de grandes obreiros, em boa hora se restabelece a Memória da Medicina.

Alípio Corrêa Neto: inteligente, perspicaz... brilhante

Emílio Athié

Era homem simples. No dia-a-dia, o convívio de anos, jamais se vislumbrou nele, ou partindo dele, gestos ou palavras de arrogância. Inteligente, perspicaz, aguto nas observações; assim o entendíamos nas reuniões, nos exames de doentes e nas exposições que fazia. Personalidade marcante, sabia ser útil quando oportuno. Certa feita,



um residente, lendo a observação, identificou a doente tal como necessário: "S.S., sexo feminino, 64 anos de idade, japonesa, natural de

Marília, Estado de São Paulo..." e assim por diante. Na reunião, discutiu-se o diagnóstico diferencial e a conduta preconizada; vários comentadores e expositores se manifestaram. O prof. Alípio falava por último. E quando o fez, disse pouco: "Vou acrescentar algo, mas não entendi o preâmbulo da observação: Marília foi anexada ao Japão?" (perplexidade do residente). "É que

você disse... japonesa natural de Marília."

Ele era assim. Sabia até ser mordaz.

Em certa reunião da APM, onde discutiam-se as tireoidectomias, o prof. Alípio mencionou as dificuldades das cirurgias, que sangravam muito nos pacientes preparados com propiltiuracil, droga que iniciava-se no uso terapêutico; referia que era difícil prosseguir as operações. No auditório, um

brilhante e competente clínico, muito professoral, comentou a seu tempo: "Sangram porque os seus doentes não foram bem preparados." Delicadamente, o prof. Alípio considerou: "Isso não sei dizer. Você é que os preparou!"

E assim brilhante foi pela vida afora: ensinando, operando, escrevendo medicina, romance, biografia, memórias, intromissões pela arte

barroca brasileira, pela política, pelas guerras. Os biógrafos darão datas, fatos, cargos, com a precisão que lhes é peculiar. Direi apenas que sua trajetória foi pontilhada por bons atos (ofuscante até mesmo dos deslizes). Sua maior obra: a marca do mestre, povoado de discípulos — galáxia esplendorosa que me permite afirmar: **ALÍPIO SERÁ ETERNO!**

Crônica de

Dulio Crispim Farina

Para nossa tristeza vão desaparecendo companheiros desta jornada terrena, escultópicos dignos de rememoração saudosa, figuras destacadas por vidas devotadas à medicina e aos que sofrem, indiscutíveis expressões do exercício médico de um tempo em Piratininga. Seus vultos, gestos, ações acodem à nossa memória, e ainda como que plenos de estuantes energias, ingressam no culto e lembrança como mestres e amigos, membros da mesma peregrinação aos santuários de Aesclepias, discípulos e continuadores de Hipócrates. Em curto tempo longa a lista dos desaparecidos de nosso convívio, agora com certeza todos a deambular em nos jardins de Esculápio, casa distinta na morada do Padre Eterno.

Lorena Guaraciaba, natural de Santa Maria Madalena, Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu a 24 de maio de 1898. Médico por Santa Luzia, turma de 1923 que teve por paraninfo ao inclito Miguel Pereira. Desde logo trabalhou no Laboratório de Indústria Pastoral do Ministério da Agricultura a receber inseláveis influências para o labor futuro aqui no Instituto Pasteur e no Butantã. Mestre no fabrico de queijos e lactícios, mesmo aqueles tipo europeus, atrativos máximos para refinados gourmets. Era também doutor em "caves", fermentos lácticos, vacinas, soros, recursos terapêuticos para o combate às endemias nacionais. Democrata, liberal, ex-combatente, na segunda guerra mundial, contra o totalitarismo, possuía a medalha de Serviços de Guerra. Profundamente versado em historiografia escreveu sobre Fernando de Noronha, clássico sobre o tema e deixou elaborada uma alentada História da Botânica no Brasil, além de "Visão da América" e numerosos artigos científicos de suas especialidades. Membro, sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, era frequentador costumeiro de encontros em sodalícios, cenáculos de ciência e cultura. Por muitos anos pertenceu ao grupo frequentador assíduo do livro-alfarrabista Olinto de Moura, também conhecedor profundo das raízes de nossa cultura e alimentador da paixão de incorrigíveis e vorazes bibliófilos. Com ele privamos durante mais de trinta anos. Entendimos, com as mesmas inolações, em palestras intermináveis sobre livros e cousas de França, Portugal e

Brasil. Organizou duas preciosísimas bibliotecas pessoais, Camonianas de alto valor, quase completas, em uma vida de devoções e procura interminas junto a livrarias e leilões de tomos e manuscritos. Uma delas, sempre pela nossa incluída habitual, desprezo pela Memória Histórica, foi adquirida por Universidade da América do Norte, a segunda, do mesmo nível, dispersa, sem sentido, por livreiro argentino, logo após sua morte. Seu acervo incluía clássicos da Ciência e Medicina, pensadores e poetas gauleses, humanistas, raríssimos volumes de Medicina Antiga de Portugal, clássicos romanos e gregos, isto e mais aquilo, suficientes para inscrever o nome de Lorena Guaraciaba, nos fastos dos grandes cultores das variantes do pensamento, em nossa terra. Já encanecido, muito doente, ainda dele recebiam manifestações de interesse pelas nossas pesquisas e trabalhos. Contemporâneo no Rio de nosso progenitor e colega de turma de nosso sogro, na escola de Medicina, de Miguel Couto e Francisco de Castro, deixou-nos a peregrina lembrança dos homens de seu tempo, com dedicações exemplares também as letras, à crônica pátria e os tesouros de nossa bibliografia. Lorena Guaraciaba, de origem humilde, mas nobre de caráter, descendente de escravos do Império, ficará a alumiar a nossa saudade com as determinantes de existência aproveitadas e fecunda, nos moldes dos docentes da Sorbonne.

Oriando Pinto de Souza. Mestre de Ortopedia, ponto altíssimo de especialidade a ombrear com Domingos Define e Godói Moreira. Formou verdadeira escola no Pavilhão Fernandinho, da Santa Casa. Graner, Hungria, Aleto, Samuel Atlas, e muitos outros, exornaram uma lida científica de altos méritos, decorrências de semeiras de Pinto Souza. No velho Instituto Paulista, a partir de 1929, quando se formou na Casa de Arnaldo, marcou sua passagem com atividades exemplares, metódico, paciente, sempre na preocupação de perfeitos diagnósticos e ainda melhores resultados. Por decênios naquele nosocômio, então de elite, registrou, sem solução de continuidade, um sacerdócio dignificante, de ortopedista e traumatologista, em técnicas pertinentes, fruto do evoluir ascendente de seu espírito e tirocinio. Homem de sociedade, de velhas cepas, filho do inolvidável mestre de Direito Ulpiano Pinto de Souza, irmão dos

renomados Ulpianinho, Roberto e Edgard (este também escultópicos de escola) deixou, com sua personalidade de eleição, o trabalho construtivo de verdadeiro professor universitário. Lembrava-nos os melhores momentos, a sedimentação e o alto nível de mestres da Europa, como Vittorio Putti, Alessandro Codivilla e Dellata, da escola de Bolonha. Sua tese inaugural "Contribuição aos Estudos das Rupturas e Luxações dos Meniscos Inter-Articulares do Joelho" (aprovada com grande distinção grau) afirmou-se desde logo como o marco inicial de grande ortopedista.

Francisco Soares de Araujo, turma de 1940, da Faculdade de Medicina de S. Paulo, dinâmico, operoso, inquieto, a profligar por mais de uma causa que entendesse justa. Senhor da Patologia e do Laboratório Clínico, expressou um momento alto da especialidade, a colaborar com as equipes médicas do velho Instituto Paulista, da Maternidade de Sílas Orlandini Matos, com os serviços de Zezinho Camargo (filho de Antonio Candido de Camargo) e Roberto Moreira Lima, laboratorista do Serviço de Assistência aos Psicopatas e de tantos outros renomados médicos. Ativista, possuído por idéias de defesa da classe, militou ativamente no Sindicato dos Médicos (onde chegaria à presidência) e no Departamento de Previdência da APM ao lado do inesquecível Alcides Ribeiro de Abreu e dos presidentes Jairo Ramos e Darci Villela Iltber. Secretário da Saúde de nosso Estado, ardoroso, polêmico às vezes, forte, combativo, estava sempre a clamar, em trincheiras primeiras, em luta contínua pelo que entendia as justas causas da classe médica paulista. Seus passos, principalmente, nas décadas de 50, 60 e 70 não há de ficar ecoando, nas pugnas societárias e científicas, de um grupo realizador e bem proposto.

Adelfe Brickmann, filho de Franca, homeopata pioneiro e capacitado, lhanocordato, gentil e fidalgo, encantava logo a todos os que dele se achegassem. Forte, encorpado, mas tal a delicadeza de gestos e palavras que parecia pairar acima das contingências humanas. Unia, congregava, sabia entender e desculpar. Tinha conhecimento de que só é realizador aquele que propugna por metas construtivas, cabendo-lhe para o sucesso, perseverar nos nortes e objetivos. Brickmann, uma lembrança duradoura de sabedoria humana e de confiança nos

postulados da ciência hane maniana.

Virgílio Carvalho Pinto, de antigas famílias, troncos tradicionais, Rodrigues Alves e Carvalho Pinto, teve desde cedo seu rumo, vocação norteada para a Medicina. Formado no Rio de Janeiro, na Escola da Praia Vermelha, em São Paulo integrou-se com a equipe do mestre Eurico da Silva Bastos, acompanhando-o como assistente, quando este venceu, por méritos e justiça, o concurso para lente catedrático de Técnica Cirúrgica, em 1945. Logo apaixonou-se, seguiu e fundamentou a disciplina de Cirurgia Infantil, terminando por ser seu regente, professor da especialidade na USP. Contribuiu com numerosa bibliografia para o tema Cirurgia Pediátrica, realizou simpósios, congressos, representando São Paulo em outros Estados e o Brasil no Exterior. Formou escola respeitada, com grande número de discípulos e seguidores. Toda uma vida dedicada à Medicina, Cirurgia Infantil e ao ensino universitário. A criança e sua patologia constituíram o móvel precioso de suas atividades. Pertencemos à turma de 1947, aquela que em 1948 foi a primeira a abeberar-se das sábias lições de Eurico Bastos, logo aclamado para ser seu paraninfo. Recebemos os influxos de aulas memoráveis do mestre e de seus assistentes Mário Degni, Américo Nasser, Virgílio Alves de Carvalho Pinto, Aníto de Toledo, Fábio S. Goffi, Gerson Arantes Lima, Fuad Ferreira, e de tantos mais, a desmesurarem com os tesouros de técnicas e operações, para os jovens neófitos, verdadeiras iniciações no deambular pelas estradas de Amboise Paré, Arnaldo Vieira de Carvalho, Sérgio Meira e Alves Lima. Virgílio, autêntico, simples, talentoso, já demonstrava, em antevistas, a clava de lidador, de magna figura da Cirurgia Infantil.

Vitor Spina, baixo, meio gordo, calmo, lento, velho companheiro de lidas e estudos. Antigo ginecologista, instado por Alípio Correa Neto, a quem devotava fervoros culto e gratidão, já maduro, iniciou carreira nas sendas da Cirurgia Plástica e tão bem se houve que teve a primeira cátedra da disciplina na Casa de Arnaldo. Cordial, planejador, com ele convivemos durante quatro decênios e pudemos aquilatar das virtudes do homem que enfiava lealdade, afeto, grande sentimental que era. Assistimos a seus familiares, e pudemos ver o nascimento de seu neto, continuador cer-

tamente das virtudes de uma família em que exultaram Fausto e o sempre lembrado Vitor Spina. Ficará ele ao lado dos pioneiros da Cirurgia Plástica em Piratininga, no mesmo pódio de Antônio Prudente, Roberto Farina, David Seron, Orlando Lodovici (seu sucessor na cátedra) e de todos aqueles estruturadores da Ciência reparadora ou de felizes resultados na estética.

Armando Buoniconi e Rubens Monteiro de Arruda, ambos da turma de 1946 da Faculdade de Medicina de S. Paulo. O primeiro, reumatologista, e o segundo, mestre da Cirurgia Torácica. Caríssimos amigos, desde a distante mocidade, e no caso de Rubens, desde 1935, colega do Ginásio do Estado. Irmãos, mais que condiscípulos. Os caminhos da vida se entrecruzaram tantas vezes e deles sempre pudemos usufruir os efêvios de inteligências privilegiadas, médicos no mais alto senso, sempre a evoluir com novas diretrizes emanadas de talento,

pertinácia, pesquisa e labor. Arte longa, vida breve, mas suficiente para enaltecer as passadas destes dois queridos companheiros, com as ressonâncias de momentos vividos em comunhão fraterna. Com Buoniconi, em Ouro Preto, antiga Vila Rica do Pilar de Albuquerque, reduto colonial de encanto e história, em encontro casual, mas regido para o convívio, pudemos sentir as dimensões de sua profunda sensibilidade frente ao Belo, em visitas às ermidas e capelas, chafarizes e monumentos, resquícios de Gonzaga e Marília. Haveremos de recordá-lo entre tantas visões e quadros, com seus familiares ao lado, a exultar ao receber as emanações de nosso passado grandiloquente.

De Rubens Monteiro de Arruda, no Ginásio do Estado de Cesário Mota e Freitas Vale, de Paulo Décourt e Mário Pereira de Souza Lima, ficaram as inequívocas lembranças do início da juventude, final da infância, do Carmo, da rua das Flores, do Convento de Monte Carmelo, em que jovens precocemente entre demonstravam as facetas de suas futuras culminâncias, como este grande médico a merecer as louvações sempiternas, saudadas e querer bem.

Do mesmo Ginásio do Estado, evocaremos tangidos por duradouras impressões os portes juvenis daqueles, colegas amantíssimos, já insertos na eternidade, Ernani Stevax Bernardinelli e João Tranchesi, que com Ricardo Veronese, mestre das moléstias infec-

tuosas, expressam a bondade, talento e alicridade dos anos 40 da Faculdade de Medicina de S. Paulo. Retratos de paulistanidade de um instante, medicina e esporte, ciência e cultura.

Na triste e sempre aumentada legião dos que partem surge a figura de Carlos Virgílio Saveri, um dos lendários presidentes do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz (1935), em tempo de desforços contra a ditadura, de alta competição esportiva, e das lutas contra Light, em duelos mortais e alavancas com bigodudo, motorneiros e condutores da empresa canadense Neurologista, psiquiatra incansável obreiro do estúdio do CAOC, ao lado de homens como Sílvio Januário Grieco, Domingos Machado, Pedro Badra, Roberto Franco do Amaral, Roberto Brandi, Bindo Guida Filho, Alberto Raul Martínez, Roberto Barbosa e outros, tantos outros, construtores de um passado rutilo, moçidade de chais de objetivos, legatários dos sonhos das gerações primeiras da Casa de Arnaldo.

Gaster Jordão Cebara, eminente e decisivo aliceador da reumatologia em São Paulo, assistente de Cândido Moura Campos, Orestes Rosseto e do imenso Flávio Pires de Camargo. Clínico polivalente, dominava amplos desvios da Patologia Clínica, senhor de recursos terapêuticos variados, em condutas sempre repetidas de uma medicina fundamentada em hábitos conhecimentos, cultura médica, em ascensão ininterrupta, um dos derradeiros e verdadeiros clínicos, seguidores das ações e labutas de Diogo de Faria, Manóti Sainati, Celestino Bourroul, Oscar Monteiro de Barros, Eduardo Monteiro, Geraldo Sales Colomese, Barros Magaldi, propugnadores dos modismos de Rubião Meira, Aloisio e Francisco de Castro, todos vindos da fonte inicial, Torres Homem. Fundador do Núcleo Universitário de Mogi das Cruzes, galgou a chancelaria da Universidade dessa cidade onde a morte colheu-o em ceifa cruel, após vida plenamente realizada. Recordam-lo nos anos iniciais da década de quarenta, quando estudantes e professores subiam pela rua Melo Alves, no ônibus amarelinho, Jardim América, com ponto inicial na antiga rua Chile (hoje avenida Nove de Julho) junto à Avenida Brasil. No horário das 12 horas vinham também com os professores Edmundo Vasconcelos, Maffei, Octávio de Paula Santos, Carlo Poá (refugiado de guerra).

Mestre de Roma e Turim e os estudantes Octávio de

uita saude

Moraes Dantas, Castor Jordão Cobra, Rui Dantas de Oliveira, Bernardo Bedrikov (hoje a nos representar nos Órgãos Internacionais do Trabalho, em Genebra), Edwin Castelo, o autor destas notas de muita saudade, e outros, outros mais... Revivências do antanho, momentos esplendentes da mocidade, São Paulo e a Casa de Arnaldo no tempo de dantes...

José Sacis, da Neurologia. **Públio Sales Silva,** da Psiquiatria, tombados pela parca inclemente. **Zacris afável,** futebolista da MacMed, assistente de Aderbal Tolosa, membro destacado da corte de neurologistas onde pontificavam Osvaldo Lange, Osvaldo Freitas Julião, Antonio Branco Lefèvre, Wilson Brotto, Horácio Martins Canelas, cátedra e enfermaria excepcionais, orientação pertinente e curso adequado, metucioso. Seguidores de Enjolras Vampre, elevaram todos, com destaque às tradições da medicina paulopolitana e o ensino da Faculdade de S. Paulo. **Públio Sales,** com maneiras próprias em personalidade curiosa e destacada, soumo frutos de um humanismo bem sedimentado, doutrina e peroração, nas escolas de Pacheco e Silva e Carvalho Ribas. Calmo, tranquilo, ciente das limitações humanas, mas senhor de uma filosofia interpretativa, consequência da análise profunda dos escaninhos da mente e dos distúrbios, conflitos emocionais de situação que acrisolam o ser humano, ressaibos de Pierre Marie, Charcot, sornações de Lombroso e Enrico Ferri.

Joaquim Prado de Moraes. A Biblioteca Cultural da A.P.M., parte integrante da Memória Histórica da Medicina, em boa hora criada pela atual geração de dirigentes da entidade maior da medicina, recebeu positiva destinação, livros valiosos logo integrados em seu acervo cultural. Oferta do doutor Joaquim Prado de Moraes Filho, em memória de seu pai, o saudoso Joaquim Prado de Moraes, de velha ténpera, formado em distintas quadras, quando os médicos, no bem dizer de Carlos Vicari, eram a sornação dos primeiros e melhores alunos de todos os estabelecimentos ginásianos. O Colégio Pedro II, na Guanabara, os Ginásios do Estado da Capital, de Campinas e de Ribeirão Preto, inculcavam as opulências de um ensino humanístico, base do preparo de grandes facultativos. As raízes familiares, as influências dos aíns, de uma sociedade em equilíbrio, cultora dos valores tradicionais foram as determinantes do aparecer de sig-

nificativas figuras, hoje integrantes da crônica de um passado caro aos nossos corações. Joaquim Prado de Moraes, nós o conhecemos em idade madura, alicerçada por vidas de esforços e labores ininterruptos. Disciplinado, médico com facetas de soldado afeto à hierarquia, Prado sabia obedecer e melhor ainda comandar. Diretor de Serviços Previdenciários, no antigo Iapetec, preparou ambulatórios e quadros que vieram possibilitar anos de positivas atividades ao Hospital Ipiranga, cujo máximo fastígio, de 1958 a 1966, completa ações de velhos escúliapos como Luis Giti-rana, Prado de Moraes, Nelson Baeta Neves, Edgard Amato, Fausto Nanini e os sempre lembrados e pranteados Natale Ferrari, Laurito Scatena, Luis da Rocha Azevedo, Nogueira Fagundes,romeiros da mesma peregrinação. Joaquim Prado de Moraes, imbuído dos ademanos clássicos da velha medicina, práticas e teorias de Miguel Couto e Miguel Pereira, Fernando de Magalhães e Austregésilo, no Rio de Janeiro; de Ovidio Pires de Campos e Celestino Bourroul, Ayres Neto, Artur de Oliveira Fausto, Eduardo Monteiro e outros nomes na Paulicéia, tinha muito no porte e gestos, de um autoritarismo imanente a antigos dias, plasmado em testemunhos e ações responsáveis em que o único e exclusivo objetivo era o bem-estar do que sofre atingido pelo morbo inclemente ou endemia pertinaz. Cumpridor rigoroso dos seus deveres, exercia o controle também rigoroso das obrigações de seus subordinados, mas era justo, capaz de remover óbices no explícito desejo de cumprir a missão e demolir e afastar barreiras. Respetoso; algo formal, ressaltará nas páginas da medicina como soldado-sacerdote, ou melhor monge-guerreiro das Ordens Templárias ou Hospitalarias, a lutar até o sacrifício total no cumprimento do que entendia ser o seu dever. Permaneceu em seu posto, dignidade e desprendimento, até os derradeiros instantes da jornada terrena.

Glaúdio Damasceno, Abandonou-nos muito jovem. Filho de São José do Rio Par-dão, cidade ligada aos euclidianos e aos "Sertões", aqui era o oñsul dos deserdados da fortuna provenientes da terra natal, a necessitarem de cuidados e orientação hospitalar. Guiava-os, apoiava-os, indicando-lhes colegas e nosocômios, lutando para que nada faltasse à perfeita resolução de tão graves problemas. Chefe de equipe na

Prefeitura, radioterapeuta no Hospital Santa Cruz, membro da Comissão de Oncologia em nosso Estado, com ele porfiamos em dias de entusiasmos e de trabalhos em campanhas e sistemáticas pela redenção, diagnóstico precoce da moléstia de ainda prognósticos tão reservados. Na Guanabara, várias vezes, em Curitiba, nesta terra de Anchieta, pudemos sentir o seu caráter de homem simples, ordeiro, ameno, cordial, sempre a dirimir diferenças, unir, amalgamar, em labor silencioso, mas não de menor significado. Ao lado do saudoso Paulo Gorga, Martinus Pawel, Carlos Mingione, Karl Gunter Kessel, Gessay Batista Camargo Aranha, Terezinha Verastro de Almeida, ficará alumiando instantes de sonho e realização.

Márcia de Oliveira, Presidente da Associação Paulista de Medicina (1965-1966), deixou renome de excepcional administrador. Distinto na especialidade, professor da Escola Paulista de Medicina, sempre coordenou os cursos de pós-graduação em Gastroenterologia Cirúrgica, mestrado e doutorado, a partir de 1973. Membro destacado do Departamento de Gastrocirurgia da Escola de Octávio de Carvalho e Jairo Ramos, engrandeceu o ensino e as práticas cirúrgicas de sua época. Outros em curtas caminhadas, rapidíssimos passos em dias terrenos, num empós de labuta, anelos e concretizações, foram-se com a perenidade de recordações, emoção e encantamento, dos peregrinarem conjuntos nos jardins da escola do Araçá, empatias a unir irmãos de idênticos lábaros e semelhantes dísticos. Turma de 1945. **Miguel Vitelliano,** simples, emotivo, muito de seu canto, a observar mais do que tomar partido nas refregas universitárias, sempre saudoso do que chamava "seu Sertão", Viradouro, cháos natais, onde formado exerceu a suprema aspiração, dar como escúliapo alívio à dor e lenitivo ao sofrimento. Solo fértil que o incorporou para sempre na crônica de verdadeiro médico. Turma de 1948. **Aurélio Luis Falcão,** potencial imenso de possibilidades, artífice positivo dos êxitos do Show Medicina e De Noites de Gala do CAOC, nos bancos acadêmicos. Existência abreviada para continuar na eternidade a edificar e construir. Turma de 1948. **Fausto Felício Brusaroso.** Valor imenso desde o Ginásio do Estado da Capital. Delgado, quase magro, mas alto, altíssimo (dois metros), e também nas atitudes mo-

rais, atributo de personalidade inconfundível. Na cidade de Santos, anestesista diferenciado. Trazia desde cedo impressas no cerne e rosto as tristezas que o haveriam de acompanhar em vida de tribulações injustas. Santificou-se para resplandecer na glória do Senhor! Companheiro pelas sete partidas no velho Ginásio do Estado, celeiro de talentos, fonte de humanismo transcendente de gerações ininterruptas. Um dos fundadores, e colaborador ativo, da Sociedade de Fisiologia de S. Paulo, de alunos da Faculdade de Medicina da USP, ao lado de Ademmar Monteiro Pacheco (também deputado estadual), Oscar Farina, Carlos Vilela de Faria, Luis de Aguiar Magano, Osvaldo Foratini e Manoel Munhoz, cuja residência albergou sessões e palestras memoráveis, sob a égide do professor Alberto Carvalho da Silva e outros membros da cadeira de Franklin Moura Campos, nos idos de 1940 a 1946. Nos últimos anos, ampliada, teve reuniões magnas nos anfiteatros do Instituto de Higiene, sob o comando de Geraldo Paula Souza e Borges Vieira. Fausto Felício Brusaroso, sensível à música clássica, às letras, à ciência especulativa deixou perenas imagens de moço fidalgo, oriundo de gente simples, obreiros sem jaça, responsáveis pelo gigantismo de Piratininga.

Capítulo expressivo, cheio de glórias e sacrifícios, é a participação de membros da Casa de Arnaldo, componentes da FEB, contingente daquela partido para combater o afrontoso totalitarismo. Na Itália, professores, médicos e estudantes engrandeceram as páginas de heroísmo da Pátria estremejada. Entre eles, **Faule Damangia Santos** e **Maasaké Vithara,** brilhantes tenentes de infantaria, não aproveitados nos Serviços de Saúde, e sim como oficiais combatentes. Com o também desaparecido **Florismando Piastine Saragosa,** destacaram-se por façanhas glorificadoras, integrando os escalões vitoriosos em Montese e Monte Castelo. No retorno continuaram as missões de escúliapos, cumprindo o dever, apoio ao desassistido e ao aflito, carente de tudo, minado por todos os infortúnios. Combateram, lutaram e retornaram, e suas gestas, suas memórias, hão de perdurar enquanto existir a nacionalidade.

Carmem Escobar Feres, nome envolto na legenda, turma terceira da escola de S. Paulo, 1920, associando-se com **Dália Ferraz Favero** e **Odete Nora Antunes** (ambas da primeira turma de

1918), nas primícias de mulheres paulistas com cursos de medicina. Grande admiração e respeito, e clínica ginecológica numerosa, talvez a primeira médica nesta Capital a receber as afirmações de uma assistência exemplar, bem conduzida. Lhana, afável, sensível à cultura, música e letras, prestigiando com sua presença as atividades das associações de classe, mesmo entrada em anos. De um trato cordial há de restar as perenes evocações de uma convivência agradável, numa personalidade bem diferenciada.

Sérgio Reis, reumatólogo de boa escola, diretor de serviços previdenciários, gradação precoce e cheia de merecimentos. Simples, autêntico, médico de bem estofado, conversa agradável, mas triste, solitário a recender um desânimo antecipado, verdadeiro desamor às glórias e conquistas terrenas. Os melhores pensamentos dedicava-os a seus amantísimos progenitores, meta principal do jornadear terreno, bom amigo, bom chefe, embora só tendo atingido os interregnos da mocidade. Sem despedidas ou prévias antecipações, deixou-nos envolto em melancolia e ausência. Punge-nos recordar, o reviver de palestras fraternas, esforços para inculcar-lhe mensagem de espiritualidade, cortezas do que já encontrou na derradeira morada.

Horácio Fenteado de Faria e Silva, nobre, nobilíssimo colega desde os bancos a cadê micos a sobrelevar-se pelas manelras distintas, trato cavalheiresco, habitual em homens de outros dias. Fisiologia composta, belo jovem, a não desmerecer o garbo, porte e traços no adentrar da vida, com barbas brancas evocantes nos anos derradeiros. Com os atributos de antigas estirpes, lembrava pelos gestos senhoriais, vultos de grandes do segundo império. Conhecedor dos problemas da Patologia Clínica, parco em exteriorizações, agradava no relacionamento, espírito puro, gesto diplomático, cordialidade cativante, prosa amena. Paulista da gema, grande sendo simples, altaneiro quando reservado. Labutou, em jornadas ininterruptas, amou, sofreu, tornou a amar, e sua vida, foi um desperdício de talento e afeição. Talvez um dos últimos escúliapos nobres, barão da Távola Redonda, nobiliarquia de caráter e testemunhos de impar personalidade.

Orestes Rosseto, príncipe da terapêutica, continuador das virtudes da escola de Cantídio de Moura Cam-

pos, senhor do didatismo, aulas magistrais dignas de colecionadas, com porem o retrato fiel da cultura científica de uma época. Expressava as características dos professores estruturados em seguimento às primeiras gerações da Faculdade de Medicina de S. Paulo. Filho da Casa de Arnaldo honrou seus dias e seus pares, em um tempo em que sua enfermaria abrigava talentos como José Fernandes Pontes, Castor Cobra, Francisco Xavier Pinto Lima, Macedo Ribeiro, Tito Ribeiro de Almeida, Michel Jamra e tantos mais, do mesmo valor e quilate. Generoso, solidário, amparou, apoiou, diminuiu os fardos e angústias, as dores morais de doentes e discípulos. Personalidade inconfundível, de lastro humano sem lindes, sua existência digna de ser vivida, deve ser entendida como lição a ser repetida.

Jamil Salam, e mais **Carlos Zindal,** **Maria de Lourdes Salemi,** **Emílio Abud,** **Mário Back,** **Vírcia Gonçalves,** de nossa turma de 1947 da Casa de Arnaldo, todos partícipes dessa família exemplar, estudantes primorosos, dedicados, com interesse e vocações definidas, e assistirem o desfilar das lições dos mestres de dimensões gigantes: **Raul Briquet,** **Luciano Quaberto,** **Cunha Mota,** **Almeida Prado,** **Flamínio Favero,** **Arnaldo Amado Ferreira,** **Milton Estanislau do Amaral,** **Névio Pimenta,** e todos os demais, caudatários da obra imortal e impercível de Arnaldo, Bovero, Carini, Ovidio, Souza Campos, Oscar Freire, Ascendino Reis e Milward. Portentosa falange responsável pela formação de nossa geração. Enquanto sobreviver um companheiro, de bancos acadêmicos, partes dos trabalhos nas enfermarias da velha Santa Casa e no novel Hospital das Clínicas, centuriões da mesma legião, em disputas e concursos, na Casa Mater-nal e no Hospital do Juque-ri, no Pronto Socorro das Clínicas e nos plantões de Obstetria (dias de Edwin Frederico Zink, Onofre Araújo, Benedito Tolosa, Carezzato, Lacreata, Alberto Martinez, Andreucci, Nome), enquanto perdurar a lembrança eterna dessas vigorosas figuras intelectuais, de irmãos e mestres, estarão eles presentes na Saga, crônica eloquente da Medicina Paulista. Estas simples lembranças, chamadas elegia dos que se foram e permanecem, transforma-se, pelo milagre do amor e da saudade em Epopéia dos que foram grandes na História da Medicina do Planalto de Piratininga.

Ibanez de Carvalho, homem peculiar

William Saad Hoasne
Mário Rubens G. Montenegro

No dia 15 de março faleceu em São Paulo Ibanez de Carvalho, homem peculiar que devotou sua vida a transmitir aos outros tudo o que aprendeu.

Jovem, ao se preparar para entrar na Universidade transformou-se em professor de Botânica, tendo ensinado a muitos, não só em suas aulas vivas e interessantes mas, principalmente, através de seus livros, neles transformou a linguagem em um pouco monótona da botânica em algo agradável e curioso, lido com prazer, a clareza e a qualidade do conteúdo de seus livros foram importantes para que muitos obtivessem aquele conhecimento maior e mais seguro da botânica e que permitiu boa classificação no vestibular.

Na Faculdade de Medicina da USP, Ibanez foi bom aluno; nunca, porém, um aluno dócil, não aceitava o que não fosse bom, protestava, reclamava, discutia e com isso beneficiou toda a sua turma de classe.

Já antes de entrar na FMUSP, já era muito amigo de Armando Rodrigues, colega de turma já falecido, ambos eram professores secundários, ambos publicaram livros em colaboração, ambos entraram juntos na Faculdade e não se separaram, quer durante o curso quer depois dele. A dupla, por sua originalidade, era conhecida e deu um toque todo especial à turma de 1946. Ambos acabaram envolvidos com a Anatomia Patológica. Armando terminou seus dias como professor de Medicina Legal, atividade na qual entrou pela porta da Tanatologia, graças às suas ligações com o Departamento de Anatomia Patológica, e Ibanez acabou mantendo seu produtivo laboratório de patologia experimental no mesmo Departamento.

Ibanez de Carvalho trabalhou em várias clínicas e hospitais e, se deles saiu, sempre o fez espontaneamente, como consequência às resistências que o meio opôs à sua lealdade, à sua probidade e à intrasigência com que defendia seus direitos e, principalmente, os direitos de seus colegas. De fato, nunca se viu Ibanez capitular, fazer concessões, aceitar o menos correto; pelo contrário, muitas vezes foi prejudicado justamente por não pactuar.

Livre-docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, professor adjunto da PUC (Sorocaba), se dedicou, de corpo e alma, à medicina.

Médico competente, abnegado, responsável, extremamente humano e profundo e, ao mesmo tempo, professor sempre pronto a ensinar, e, sobretudo, a formar, Ibanez de Carvalho



marcou sua presença de forma indelével na clínica e na Universidade. Douco, como só os autênticos conseguem, muito bem as atividades profissionais, de docência e de pesquisa. Nos porões da FMUSP instalou, com entusiasmo, o laboratório de Patologia Experimental, onde foram desenvolvidos, entre outros, os primeiros estudos sobre choque hemorrágico experimental, enquanto modelo em si e enquanto suporte para a investigação sobre alterações viscerais. Na Faculdade de Medicina de Sorocaba, juntamente com outros colegas, sob a orientação de Eugênio Mauro, participou ativamente da montagem do Laboratório de Cirurgia e Técnica e do Biotério. Sua tese de docência na USP, que lhe custou mágicas superadas pela sua bondade intrínseca, trouxe grandes contribuições, e pioneiras, sobre os traumatismos do fígado. De seus livros merecem destaque o "Politraumatizado", uma das primeiras obras, em nosso meio, a abordar e sistematizar o assunto; e "Sinais de Alarme". Esta última obra, só poderia ter sido escrita por alguém dotado de mais ampla e profunda cultura médica e, neste sentido, Ibanez de Carvalho, era uma enciclopédia de conhecimentos médicos, sempre atualizados.

Todas as atividades foram marcadas pelo entusiasmo, pela honestidade, pela generosidade, pela dedicação e, sobretudo, pelo despreendimento, sem concessões, porém, a qualquer deslize.

Tivesse Ibanez de Carvalho o que se chama vulgarmente de "jogo de cintura" e certamente teria recebido muitas "honorarias". Delas, porém, não precisava e nem precisou. Teve as honorarias que sua personalidade e sua grandeza sabiam valorizar e que tinham sentido profundo. Sua franqueza, no dizer de Paulo Vanzolini, era tão profunda que só fazia amizades.

Ibanez de Carvalho, onde quer que estivesse, sabia que seus amigos (são muitos), discípulos e pacientes, se consideram pessoas privilegiadas pois o destino lhes permitiu conviver com você, Ibanez.

* Guido Arturo Palomba

Quando ainda estudante já ouvia falar da incansabilidade intelectual de Átila Ferreira Vaz. Polígrafo, no sentido exato do vocábulo, o mestre passou sua experiência e gênio criador por sobre todos os setores das ciências objetivas, abstratas e filosóficas, impondo a golpes firmes e definitivos, a marca da imensidão anímica de que era portador.

Para grande gaúcho meu, há anos o destino me aproximou, na proporção de mestre e discípulo, e desde então nunca mais nos separamos, mesmo após o seu passamento, pois seus feitos, sua vasta obra científica tornou-o imortal, sempre vivo, porque vivos estão os seus discípulos, e vivos estarão amanhã os discípulos dos seus discípulos, e assim sucessivamente em perpetuidade nos tempos.

Átila Ferreira Vaz foi um sábio, não houve departamento do saber que a sua curiosidade não esmiuçasse. Assim o seu espírito observador coligiu elementos que lhe permitiram escrever sobre os mais diversos assuntos relacionados com a especialidade que abraçou.

Nascido em Mato Grosso de Batatais, hoje Altonópolis, São Paulo, aos 12 de março de 1908, diplomou-se em Farmácia e Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1933.

Foi médico rural de Urupês, de 1934 a 1943, sendo ali prefeito da cidade, de 1938 a 1943. Tinha apenas 29 anos quando exerceu esse cargo na Prefeitura. Entre outras obras criou a Biblioteca Municipal de Urupês, doando os seus próprios livros para a formação do acervo, o que já vai nos mostrando a imensa erudição de que era portador, pois, com apenas 29 anos já havia lido uma biblioteca inteira.

Sua medicina sacerdotal não conheceu regionalismo. Foi médico em Ribeirão Preto, Santo André, Ilha Anchieta, onde muitos doentes acolheu sob a toga protetora de seus recursos de lenitivo e conforto. Em Taquaritinga, onde também amparou enfermos, recebeu o justo reconhecimento da cidade, agraciado que foi com o honroso título de Cidadão Honorário.

Foi neuropsiquiatra concursado do Ministério de Educação e Saúde, em 1944, mas preferiu traba-



lhar no hospício de Juqueri, onde realizou monumental obra filosófica e científica. Entre os seus principais trabalhos publicados citam-se os seguintes: Programa de Psicologia, A Psicoflogia, A Psicopatia Única, obra essa publicada na Alemanha e na França, A Conceituação Psiquiátrica de Psiquismo, Os Quatro Pensamentos do Homem, Síndrome Geral de Reilly-Selye, Sartre e a Psiquiatria, o Rinocéfalo, O Estruturalismo, A Demência Precoce e Demência Arteteroclerótica Precoce. Ainda mais: Automatismo Mental, Síndromas Personopáticas e Neuróticas, A Escola Psiquiátrica de Juqueri, Classificação das Doenças Mentais, "Delenda Psychiatria", A Psicologia de Kleist-Silveira, Psicossensibilidade e Psicomotricidade, além de inúmeras resenhas de livros e revistas, alemãs, francesas, brasileiras.

Átila Ferreira Vaz era políglota. Dominava perfeitamente o inglês, o francês, o italiano, o alemão, o espanhol e o latim. Sabia ainda grego o suficiente para traduzir textos, afora o português muito bem falado e escrito, com o verbo fácil e escoreito.

Escreveu, ainda, mais quatro livros: Tratado de Psiquiatria, Conheça Psiquiatria, Somário de Psicologia e Sísmofrenia II, os dois últimos ainda não publicados.

No campo da psiquiatria as suas contribuições foram enormes, com uma incrível bagagem de trabalho científico dedicou-se muito ao estudo do cérebro normal e patológico, alicerçando, aprofundando as raízes da Escola Psiquiátrica de Juqueri, jequitibá maior destas plagas brasileiras. Fé-la digna de respeito, não só entre os escúlipos de Piratininga mas também em dezenas de pontos do país, e em terras de alémar, nas Américas, na Velha Europa, lugares esses que receberam seus trabalhos científicos,

prontamente aceitos, tão alto o conteúdo, o rigor e a clareza que os caracterizam.

Átila Ferreira Vaz sempre foi um grande estudioso, lidador intímato, associou o seu nome aos grandes mestres de escola e sabença da Alienação Brasileira.

Não foi só na psiquiatria que o seu Jordanear terreno construiu monumentos científicos de idéias claras, distintas e adequadas, mas também, e quiçá principalmente, foi na filosofia que a sua perspicácia longemirante esbravou caminhos não percorridos ou mal palmilhados. Átila Ferreira Vaz foi um grande filósofo católico. Alicerçado no conhecimento profundo de toda a polimorfia variada de linhas filosóficas, conheceu como ninguém os ensinamentos contidos na vastíssima obra de São Tomás de Aquino, que ficavam guardados em sua memória quase que sobre-humana. Lembremo-nos com muita saudade daquelas tardes em que eu ia à casa do querido mestre para receber os caríssimos ensinamentos. Passávamos horas discutindo os mais variados temas. Não havia assunto que ele não conhecesse. No calor das discussões acadêmicas, o mestre sempre conduzia o tema com perfeita capacidade de análise e síntese, arrematando a exposição com citações da Suma Teológica de Tomás de Aquino, vazada em mais de 5.000 páginas, dando, de cor, o artigo onde o Santo Doutor tratara da matéria.

Entre uma lição e outra parávamos instantes para saborear quitutes, refrescos, bolos, cafezinhos, tão carinhosamente preparados por sua esposa Dna. Olga Miziara Vaz, exemplo maior de companheirismo esplêndido, despreendido, cujo zelo sem descansos em uma não menos meritória vida, contribuiu, junto com os dois filhos Rosalina e Helitor, para a grandeza plena da vida e obra do sempre termo mestre Átila Ferreira Vaz.

O portentoso conjunto de pensamento filosófico lhe valeu a inclusão do nome no Index da História da Filosofia no Brasil, do prof. Luiz Washington Vita, publicado na Revista Brasileira de Filosofia, em 1964, glória essa privilégio de poucos, mas de todo meritória, pois, as idéias elevadas, a incansável doutrinação tenaz e repetida, faz de sua obra e vida exemplo de existência digna de ser vivida, cultuada, como se cultua desde tempos imemoriais os grandes homens que venceram pela força do espírito e da inteligência.

Átila Ferreira Vaz morreu em 15 de agosto de 1984. Morreu de madrugada. Passara a última noite de sua vida terrena acordado. Acordado e lendo; nas suas mãos estava a Suma Teológica de São Tomás de Aquino.

Senhoras, Senhores, é muito difícil para mim, um simples discípulo, poder num espaço breve de tempo falar de forma satisfatória sobre a vasta obra e laboriosa e fecunda vida do mestre Átila Ferreira Vaz. Ele viveu 76 anos, sempre produzindo, e isso desde tenra idade até os últimos momentos de vida. Porém, neste momento, ao encerrar estas simples palavras, neste tão precioso dia em que se homenageia o querido mestre, elevo o meu pensamento a Deus e sinto, com muita saudade, aquela voz calma, amiga, bondosa, a agradecer esta homenagem de entronização, de todo justa, pois agora este estabelecimento de ensino terá o condestável Átila Ferreira Vaz a ensinar, pelo exemplo de vida, os alunos, os professores, os funcionários que aqui adentrarem para trabalhar e aprender.

Parabéns, parabéns aos que tiveram esta feliz idéia de dar o nome de um grande sábio a uma casa do saber.

* Saudação feita no dia 13 de novembro de 1987, por ocasião da entronização do nome do dr. Átila Ferreira Vaz na Escola Estadual de I.º Grau, em Diadema, no Jardim dos Navegantes.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kieber Canova } *Tertúlia*

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e suplemento cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio
Wanda Gonda } *Pinacoteca*